

## **A taxonomia científica versus nome popular em *Sobre algumas novas espécies de répteis e plantas brasileiras: memória de Giuseppe Raddi*<sup>1</sup>**

**The scientific taxonomy versus popular name in *Some reptile species of new and brazilian plants: Giuseppe Raddi memory***

Benilde Socreppa Schultz\*

---

**RESUMO:** A abertura dos portos nacionais às nações amigas, quando da vinda de Dom João, permitiu a entrada de viajantes naturalistas, que aqui aportaram decididos a pesquisar a flora e a fauna brasileiras. Missões científicas, organizadas por diversos países europeus, tinham finalidades não somente técnico-científicas, mas também utilitaristas e foram de grande proveito para avaliar a potencialidade ecológica e econômica do país. Os viajantes naturalistas, ao descreverem as plantas e animais, além de colaborar com a história natural, davam a sua contribuição lexical. Giuseppe Raddi é considerado o maior naturalista italiano a coletar e classificar espécimes das nossas florestas. Conjuntamente à nomeação científica, em muitos casos, o naturalista utilizava a denominação popular do espécime coletado, emprestando um item lexical português para a língua italiana. Expomos aqui o resultado das nossas pesquisas relacionadas aos neologismos presentes em um artigo de Raddi, intitulado *Di alcune specie nuove di Rettili e piante Brasiliane* (Sobre algumas novas espécies de répteis e plantas brasileiras), publicado no *Jornal de Ciências de Modena*, em 1820. Refletimos sobre a importância do seu trabalho sobre a fauna e flora cariocas e os empréstimos neológicos que acompanham as denominações científicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Viajantes naturalistas. Fauna e flora brasileira. Taxonomia e neologia.

---

**ABSTRACT:** The opening of Brazilian ports to friendly nations, on the arrival of King John VI, allowed the entry of naturalist travelers to Brazil. They were decided to investigate the Brazilian flora and fauna. Scientific missions, organized by several European countries, had purposes not only technical and scientific but also utilitarian. And were great benefit to evaluate the ecological and economic potential of the country. The traveling naturalists, in describing plants and animals, as well as collaborating with the Natural History, have given its lexical contribution. Giuseppe Raddi, is the largest Italian naturalist that collected and classified specimens of our forests. In the scientific appointment, in many cases, the Italian naturalist used the popular name of the item collected, lending a lexical item from Portuguese to Italian. We expose here, the result of our research on Raddi, published in an article in the *Sciences Journal of Modena* in 1820, *Di alcune specie nuove di Rettili e piante Brasiliane* (On some new species of reptiles and Brazilian plants). We reflect on the importance of its research on the Rio fauna and flora and neological loans accompanying scientific denominations.

**KEYWORDS:** Travelling naturalists. Brazilian fauna and flora. Taxonomy and neology.

---

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi apresentado na forma de comunicação no I ICIEL (I Congresso Internacional de Estudos do Léxico) na UFBA, em 2011.

\* Doutora, professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

## 1. Introdução

As primeiras descrições sobre a riqueza da fauna e flora do território brasileiro foram feitas por Pero Vaz de Caminha, na sua famosa carta a El rei Don Manoel de Portugal. Nela ficou registrada não somente a beleza, mas, sobretudo, a riqueza da nossa terra. A partir dessa carta, que se difundiu por toda a Europa, começa uma série de relatórios de viagens, escritos por escrivães das caravelas, por aventureiros e por pessoas comissionadas por mercantes, as quais viajavam para comerciar os produtos de além-mar. De todos os relatórios, cartas e diários de bordo escritos, os que mais impacto tiveram na Europa foram, sem dúvida, os que se referiam às Américas.

A partir da segunda metade do século XVIII o viajante é um naturalista interessado em conhecer e classificar novas variedades minerais, vegetais e animais, testemunhando o espírito iluminista do período. No caso dos naturalistas, o conhecimento é centrado nas academias de ciências, nos hortos botânicos e nos museus que armazenavam as coleções. Foram as descrições das riquezas naturais das Américas feitas por Darwin e Von Humboldt que deram, no âmbito europeu, um grande estímulo a essas expedições científicas. Seguiram-se muitos outros cronistas interessados em viajar pelo nosso país, à procura de plantas e animais raros, atraídos por conhecer as aplicações científicas da fauna e flora. Nesse contexto Domenico Vandelli, naturalista italiano, professor e diretor do Museu e Horto Botânico de Coimbra, testemunha a importância que a pesquisa científica, centrada nos museus, possuía: “Neste século he a Historia Natural, mais cultivada que nos passados, o que demonstrão as grandes, e interessantes descobertas e o avultado numero de Museos” (VANDELLI, 1788). Portugal, interessado na potencialidade do território brasileiro, procura fazer parte do seleto grupo de cientistas. Assim, a estreita ligação entre a Itália e Portugal no período pombalino permitiu que professores italianos fizessem parte dos meios acadêmicos lisboetas, participando da formação de cientistas portugueses e brasileiros na sua famosa Universidade de Coimbra.

A abertura dos portos nacionais às nações amigas, quando da vinda de Dom João, permitiu a entrada de viajantes naturalistas no Brasil, porém, desde os séculos XVII e, sobretudo no XVIII, em um “processo lento e progressivo”, foram-se coletando dados geográficos, históricos e naturalísticos sobre o Brasil, em incursões feitas pelos tripulantes dos navios que aqui aportavam para o reabastecimento (DOMINGUES, 2008, p.136-137). Missões científicas, organizadas por diversos países europeus, tinham finalidades não somente técnico-científicas,

mas também utilitaristas, foram de grande proveito para avaliar a potencialidade ecológica e econômica do país. A fascinação pelas coleções botânicas se intensificou com o crescente destaque que as publicações despertaram. Para Parrini (2008, p. 134) o “grande interesse suscitado naquele período, pelas viagens de exploração naturalística se deve, não somente ao estudo das ciências da natureza, natureza que é objeto de indagações e interrogações pelos cientistas de profissão e diletantes, mas também pela enorme difusão dos relatórios de viagens publicados nas principais revistas científico-literárias da época”<sup>2</sup>.

No início do século XIX, missões naturalistas começaram a ser organizadas por estados ou sociedades científicas privadas. Particularmente no Brasil, registraram-se a vinda de vários cientistas e missões, algumas delas organizadas pelos governos dos respectivos países, tais como a Missão Francesa, a Missão Austríaca (Missão Artística Austro-Alemã), a Expedição Langsdorff; ou privadas, como a viagem pelo Brasil do príncipe alemão Maximilian Wied-Neuwied, de Guido Boggiani entre outras. As missões científicas, como o próprio nome diz, compreendiam cientistas, pintores, arquitetos, escultores e outras pessoas habilitadas nos mais diversos ofícios, todos estimulados pela acessibilidade proporcionada por Dom Joao VI.

Os naturalistas que acompanhavam as missões aventuravam-se em lugares inóspitos e desconhecidos, sujeitos às intempéries, realizando viagens de reconhecimento, inventariando a fauna e flora locais, averiguando a riqueza e a diversidade local, para dar a conhecer ao mundo uma nova realidade natural. Todas essas expedições deixaram documentos escritos, científicos ou pictóricos do Brasil oitocentista, configurando o registro de um país que esboçava os primeiros passos na superação de uma fase colonialista de dominação total. A libertação inicia-se ao poder expor às demais nações as suas riquezas, até o momento escondidas zelosamente pelo governo português.

Os estudos feitos sobre as expedições científicas realizadas no Brasil Imperial contêm uma lacuna: muito se escreveu a respeito de Johan Spix, Karl von Martius, Barão de Langsdorf, Saint Hilaire, Wied-Neuwied, mas pouco se sabe de um italiano que aqui veio, passou quase despercebido, apesar de ter o seu nome registrado em mais de quinhentas plantas brasileiras por ele descobertas e nomeadas: Giuseppe Raddi. Conhecemos as publicações de Raddi, nas pesquisas feitas para o mestrado (Schultz, 2007) e através da obra de Isenburg (1989)

---

<sup>2</sup> Todas as traduções do italiano ao longo deste trabalho são de nossa responsabilidade.

*Viaggiatori Naturalisti italiani in Brasile*. Os seus escritos nos chamaram a atenção, uma vez que ele registra o Rio de Janeiro e arredores de uma maneira peculiar, traçando um retrato fiel da cidade e seus arredores no período inicial do Brasil Imperial.

## 2. Giuseppe Raddi, o explorador da fauna e flora do Rio de Janeiro

Nascido em Florença, no ano de 1770, em uma família pobre, mas honesta e íntegra, demonstrou, desde cedo, um grande entusiasmo pelos estudos naturalísticos. Obrigado a trabalhar desde cedo, interessou-se pela ciência ao prestar serviços como ajudante de um farmacêutico. Autodidata e discípulo do renomado professor e botânico Ottaviano Targioni Tozzetti, usufruía, juntamente com o amigo Gaetano Savi, da rica biblioteca colocada à disposição pelo professor. Frequentemente Tozzetti os levava em incursões pela campanha toscana à procura de plantas, estimulando-os nas descobertas e seleção de plantas. Apresentado ao diretor do Jardim Botânico de Florença, em 1785 tornou-se seu assistente e, em 1795, foi nomeado guardião e consignatário do Museu de História Natural, da mesma cidade, trabalho que desenvolveu até a sua viagem ao Brasil. (SALVATICI, 1830, p. 304).

Conseguida a estabilidade financeira, o cientista pôde dedicar-se quase que exclusivamente às suas pesquisas de botânica, publicando os resultados das suas andanças pela Toscana e Lácio em revistas de sociedades científicas: pesquisas sobre os fungos (RADDI, 1807), sobre algumas espécies novas e raras de criptogramas (RADDI, 1808). Em 1817, tendo conhecimento da Missão Austríaca, pediu ao Grão-duque Ferdinando III para vir ao Brasil e aqui permaneceu por cerca oito meses. Ao retornar, em 1818, após desencontros com o diretor do museu, requereu a exoneração do cargo de curador e, com o salário mantido, dedicou-se quase que exclusivamente a catalogar as plantas recolhidas no Brasil. Em 1827, com o beneplácito do Grão-duque Leopoldo II, acompanhou, como naturalista, um grupo de cientistas toscanos junto à expedição científico-literária guiada por Jean-François Champolion ao Egito. No retorno, foi acometido por uma violenta infecção, vindo a falecer na ilha de Rodas, no dia 8 de setembro de 1829.

A rica coleção que trazia foi consignada ao Horto Botânico Pisano (*Herbarium Horti Pisani*), cujo diretor era o amigo Gaetano Savi (AMADEI, 2005; PARRINI, 2008). No elogio feito a ele após a sua morte, Salvatici (1830, p. 305) diz: “Reuniu abundante e esmeradas coleções, algumas das quais trocou com outras plantas exóticas, recebendo a

estima e afeição dos principais botânicos da Europa que o conheceram muito antes que se tornassem públicas as suas muitas obras”.

O período após o seu retorno do Brasil foi, segundo Parrini (2008, p. 217), o mais produtivo da sua carreira, pois teve a apreciação dos mais ilustres botânicos, não somente da Itália, mas de toda a Europa, trocando com eles uma grande correspondência e permutando as sementes e plantas que coletou no Brasil. As coleções de Raddi mantidas nos museus italianos despertam hoje a atenção de muitos pesquisadores, apesar de terem sido esquecidas por muito tempo.

### 3. O encanto com a Floresta Atlântica

Raddi embarcou para o Rio de Janeiro na comitiva que trazia a Imperatriz Leopoldina ao Brasil, no porto de Livorno, em 13 de agosto de 1817. Veio juntamente com a Missão Austríaca, grupo diversificado de pessoas que tinham o encargo de fazer pesquisas e estudos em território brasileiro, com o objetivo de colecionar espécies que seriam entregues a museus, jardins zoológicos e jardins imperiais austríacos. Acompanhavam a expedição vários cientistas de renome: o botânico Johann C. Mikan, o mineralogista e botânico Johann Emmanuel Pohl, o pintor Thomas Ender, os naturalistas Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich von Martius, os dois últimos encarregados de enriquecer as coleções do Museu de História Natural de Munique. Raddi encontrava-se na nau São Sebastião enquanto a princesa viajava na fragata Augusta. Parte da Missão Austríaca tinha partido anteriormente na fragata Áustria, na qual viajavam Spix e Von Martius (PARRINI, 2008, p. 131-133).

Na viagem, o olhar de Raddi dirige-se para o oceano, escrutando os seus habitantes, observando a direção dos ventos, descrevendo as terras avistadas e visitadas, os vegetais e animais que vê. Na Ilha da Madeira, a frota fez uma parada e, ao invés de acompanhar as festividades oferecidas pela população à Arquiduquesa e futura Imperatriz do Brasil, Raddi visitou, mesmo que rapidamente, a ilha, descrevendo a sua constituição geológica, que era, segundo ele: “nada mais que o resultado de uma verdadeira erupção *lamacenta-vulcânica submarina*”; (RADDI, 1821. p. 261, grifo do autor). Descreveu as plantas alimentícias seus usos na alimentação: “Aqui se cultivam dois tipos de batatas, uma das quais é a nossa batata comum, mais conhecida com o nome de *batata da terra (Solanum tuberosum, Lin.)*, a qual os alemães denominam também de *Kartofhel*, que equivale à trufa [...]” (op. cit. p. 264,

grifos do autor); examinou as plantações locais e os costumes e deu especial atenção ao cultivo da uva, descrevendo a origem, a poda, a vindima e a preparação do vinho. A respeito do seu conhecimento e experiência, Parrini (2008) escreve:

Raddi possuía um bom conhecimento dos fenômenos naturais, acumulado em base às experiências no campo e no laboratório, que se unia a um constante aperfeiçoamento na literatura especializada internacional. O mérito principal da vivacidade do seu relato é exatamente a notável capacidade divulgativa que o fazia escrever com uma linguagem simples e cativante, o gosto pela jardinagem, a floricultura, a agricultura e até a viticultura. (PARRINI, 2008, p. 146-147).

A chegada ao Rio de Janeiro deu-se no dia 5 de novembro de 1817. Participou das festividades em honra às núpcias de Dom Pedro e da Imperatriz Leopoldina, feitas em estilo europeu. Permaneceu pouco tempo no país, mas como ele diz ao iniciar o seu relato *Di alcune specie nuove di rettili e piante brasiliane. Memoria di Giuseppe Raddi* (Sobre algumas novas espécies de répteis e plantas brasileiras: memória de Giuseppe Raddi, doravante “Sobre algumas novas espécies”) o esforço foi recompensado, apesar de toda a fadiga. Foi “[...] não poupando dificuldades e perigos, não poupando fadigas, pude observar e recolher uma ampla série de objetos, que ao meu retorno à pátria foram depositados no Imperial e Real Museu da Capital, em Florença” (RADDI, 1820, p. 313).

Neste relato, Raddi delinea o mapa topográfico da então Província do Rio de Janeiro, segundo os dados que obteve do livro *Corografia Brasilica*, de Ayres de Casal: descreve e cita rios, montanhas, portos, rios, lagos, lagoas e cascatas. Nas descrições dos lugares que percorreu nada passa despercebido ao naturalista italiano, e é nesse ambiente luxuriante que vagueia, à procura de espécimes. Exprime o êxtase que lhe causaram as belezas do Rio de Janeiro, tão incríveis que nem a pena do escritor seria capaz de encerrá-las em suas páginas, nem o pincel do pintor poderia revelá-las na tela, tamanha era a exuberância sem limites da natureza carioca:

[...] e a respeito da qual não seria nada tudo aquilo que uma eloquente pena poderia dizer, e tudo aquilo que a imaginação poderia inspirar a um habilíssimo Pintor, para a primeira explicar e a segunda delinear as belezas e amenidades, como também a riqueza e variedade das coisas que a natureza, sem limites, prodigou, em confronto com aquilo que pessoalmente se sente, e se observa com os olhos. (RADDI, 1820, p. 313-314).

A cidade de Rio de Janeiro é descrita com precisão de detalhes, a partir do seu olhar fotográfico, misturando descrições dos lugares e paisagens à sua dimensão perceptiva, como se o leitor os visualizasse em uma pintura de Debret:

S. Sebastião, Sebastianópolis, mais conhecida ainda pelo nome de Rio-Janeiro, é umas das cidades mais consideráveis, mais populosas, ricas e comerciáveis cidades das Américas, [...] Está situada em uma planície, a maior parte da qual antigamente era mar, ao longo de uma série de colinas e montanhas de várias alturas [...] Amena também, variada e pitoresca é a situação de toda a cidade, em particular do lado do mar, não existe nada que se iguale ao olhar despreparado, os pitorescos quadros que de todos os lados se apresentam. (RADDI, 1820, p. 322-325)

Perambulando objetivamente por esses lugares, recolheu cerca de “4000 plantas, 2.300 insetos, 340 tipos de sementes, diversos peixes, répteis e aves, coisas que não somente faltam ao Museu, mas muitas delas eram desconhecidas para Ciência configurando-se como aquilo que os naturalistas chamam de descobertas.” (PARRINI, 2008, p. 204). As suas coleções, principalmente aquelas que se encontram no Museu de Pisa, são objeto de estudos taxonômicos e nomenclatórios, pois cerca de 500 levam o seu nome e estão relacionadas no artigo apresentado por Amadei (2005).

#### **4. A taxonomia científica versus nome popular**

Dar um nome significa oferecer ao objeto propriedades, pois o nomear encerra em si uma série de informações sobre sua forma, qualidades, aparência, isto é, proporcionar-lhe uma existência real. No caso das plantas e dos animais, apenas ao pronunciar o seu nome, subjetivamente temos a capacidade de distinguir se é uma planta comestível ou venenosa, se é um animal domesticado ou selvagem etc. Contudo, nem todos os seres vivos possuem um nome comum, sendo conhecido apenas por aquele da sua espécie, como por exemplo, as samambaias, que são centenas, mas de poucas sabemos o nome (portuguesa, chifre de veado, cabelo de anjo) ou dos fungos (shitake, champignon, cogumelo do sol), pouco conhecidos pelo nome científico, apenas por um nome genérico. Além disso, o nome pode variar de país a país ou mesmo dentro de um mesmo país (diatópicas), especificando as variedades regionais, isso sem contar as mudanças decorrentes do tempo (diacrônicas). No caso dos seres vivos, a imprecisão decorrente dessas variações, impede de dispor de maneira exata a identidade dos organismos que são objetos de pesquisa. Lineu, atento à

necessidade de organizar o mundo natural unitariamente, de modo que todos os estudiosos do mundo pudessem dispor de convenções que individualizassem as características de cada ser vivo, animal ou vegetal, estabeleceu um sistema que facilitou a classificação sem margens de erros.

Foi viajando pela pouco conhecida Lapônia que o sueco Carolus Linnaeus ou Carlos Lineu (1707-1778), como é conhecido entre nós, inventariou pela primeira vez os espécimes dessa região, sistematizando as espécies vivas do nosso mundo natural na sua obra *Systemae Naturae* (Sistema da Natureza), publicado pela primeira vez em 1753. O estudo das plantas e dos animais era puramente incidental e se perpetuava, sem muitas alterações, desde o tratado *Historia Plantarum* do grego Teofrasto, considerado o pai da botânica. Quase dois milênios após, Lineu, vivendo em um período em que cientistas e naturalistas começavam a perambular pelo mundo à procura de exemplares exóticos, compreendeu a importância de identificar e organizar as espécies dentro de um sistema único e não empírico. O cientista estabeleceu a espécie como base da classificação e a nomenclatura binominal para a espécie; formulou em cinco grupos taxonômicos: reino, classe, ordem, gênero e espécie. Propôs nessa classificação o uso de palavras latinas, pois sendo o latim uma língua morta, haveria uma nomenclatura única para todas as línguas, e evitaria equívocos que poderiam ser danosos à ciência. Somente na décima edição de Sistema da Natureza, que Lineu, segundo Ronan, apresenta as suas concepções de classificação binominal como:

[...] um nome para o gênero ou característica comum, o outro a espécie. (Assim, à família do cão é dado o nome genérico *Canis*; o lobo – *Canis lupus* – é uma espécie desse gênero, e o cão doméstico – *Canis familiaris* – é outra). Para os animais ele também deu um nome comum, quando apropriado. Isso não era só biologicamente correto, mas também muito útil, tanto que esse sistema é utilizado ainda hoje. (RONAN, 2001, p. 151).

Com o aperfeiçoamento da sua teoria, o naturalista sueco deu a conhecer ao mundo um sistema de classificação que permanece inalterado, salvo poucas modificações, até os nossos dias. Naturalmente os estudos de Lineu foram aprimorados, mas a relevância dos seus estudos constitui-se o fundamento da ciência biológica moderna. A taxonomia binominal de Lineu favoreceu os estudos sobre a fauna e a flora e estimularam cientistas a conhecer e classificar novos espécimes.

## 5. Empréstimos neológicos e nome popular

Raddi, como cientista, rapidamente acolheu o sistema binominal de Lineu para a descrição das plantas e animais coletados nas suas explorações. É interessante notar que ele, dentro da sua concepção de cientista, entendia que, pela não existência de um nome italiano de determinada planta, podia-se recorrer, para melhor especificação e compreensão, à denominação popular. O artigo “Sobre algumas espécies”, apesar do seu caráter científico, exemplifica a sua colaboração no enriquecimento do texto com as palavras emprestadas do português.

É corrente que o patrimônio lexical de uma língua se expande através da criação de novas palavras, valendo-se de elementos que a língua já possui ou com a aquisição de palavras advindas de outras línguas, os empréstimos. A inclusão de novas palavras de um sistema a outro caracteriza a neologia por empréstimo, isto é, “a introdução no interior de um determinado sistema, de segmentos linguísticos de uma estrutura fonológica, sintática e semântica conforme a um outro sistema” (GUILBERT, 1975, p. 90).

Para Alves (1990, p. 73), a unidade lexical neológica pode denominar novas realidades e novos conceitos, como pode também contribuir para dar um efeito estilístico ou uma cor local ao que está sendo veiculado. Carvalho (1984, p. 9) assegura que “a necessidade de nomear as novas criações faz com que contribuam não só para a linguagem técnica ou científica, mas para a linguagem geral, pois ambas, ciência e técnica, participam do nosso cotidiano.” Alguns dos nomes populares que acompanham a taxonomia binominal de Raddi foram introduzidos no léxico italiano e tiveram um percurso de aceitação, decorrente de seu uso na comunidade receptora, como por exemplo: maracujá (*maracuja*), abacaxi (*ananas*), cajueiro (*acagiù*) etc. (SCHULTZ, 2007). Outras palavras entram na categoria de empréstimos neológicos, palavras que nem sempre são anexadas ao sistema linguístico, e que possuem um processo negativo de aceitação. Na fase decorrente entre a introdução e aceitação do empréstimo, este passa por diversas fases, ocorrendo vários processos de adaptação até a total integração (Alves, 1990; Carvalho, 1984). No presente caso, os neologismos utilizados pelo autor não foram dicionarizados, permanecendo apenas nas páginas do seu artigo, portanto os denominamos como empréstimos neológicos.

Nos escritos de Raddi nota-se a transcrição de uma unidade lexical semelhante, que imita o modelo morfossintático da língua fonte, porém baseado na correspondência da língua receptora, confirmando que ao se emprestar “mais que procurar na própria língua um

equivalente a um termo de outra língua difícil de encontrar, utiliza-se diretamente essa palavra, adaptando-a à própria pronúncia” (CALVET, 2002, p. 39). Observamos que Raddi, talvez pelo fato de ser um cientista, transcreve as palavras do português com atenta exatidão: em *mandioca* acrescenta a consoante ‘c’. Os dígrafos são comuns na língua italiana, e a repetição ocorre na transcrição de outros neologismos: *cocco ordinario*, *frutto a pane* e *atta di Pernambuco*. No empréstimo *Acacia dell’Indostan*, adapta a preposição ‘de’ ao italiano *dell’*. Com o empréstimo *Mindumbim d’Angola* ocorre algo interessante: mindubi é uma palavra do português corrente no século XIX, datada no Houaiss (2009) em 1817 e hoje em desuso. Raddi deve tê-la ouvido e a transcreveu quase que corretamente. Verificamos, desse modo, que

o empréstimo não deixa de ser uma imitação de um modelo estrangeiro, contudo a mimese jamais consegue ser igual ao original, mesmo sendo muito fiel a ele. Como, por exemplo, no empréstimo *spaghetti*, que vemos em muitas embalagens de macarrão e em muitas receitas ou menus de restaurantes: podemos manter a grafia original italiana, mas, ao pronunciar-la, acrescentamos um e- que não está presente na fonética do italiano, em um metaplasmo por aglutinação (SCHULTZ, 2014, p. 52).

Em sua maioria, as plantas da Floresta Atlântica possuíam nomes autóctones, derivantes da língua brasílica e, por serem desconhecidos, era natural que Raddi devesse explicitá-los da forma que ouvia e colocá-los ao lado do nome científico, para que houvesse um referencial linguístico e descritivo que permitisse ‘visualizar’ o objeto examinado. O fato de os estrangeiros não conhecerem o nome da grande maioria das plantas é explicitado em Prestes quando afirma:

Essas floras continham rotineiramente uma descrição física e uma história geral da vegetação da região estudada, seguidas de uma lista de plantas encontradas. A descrição das espécies continha o nome, as características específicas, a sinonímia, elementos descritivos que permitissem a identificação, as variedades, as localidades, as habitações e os usos a que serviam. [...] No entanto, essas informações só tinham uma importância secundária para as classificações, pois não eram consideradas entre os caracteres que permitiam classificar um dado vegetal; eram, contudo, indispensáveis, sob o ponto de vista prático. Elas apareciam entre os dados levantados por conferirem um auxílio extraordinário à identificação. (PRESTES, 2000, p. 62)

Raddi, mesmo antes de vir ao Brasil, em conversas com o amigo compreendeu a necessidade cada vez mais premente de se utilizar o nome vulgar em correspondência à

nomenclatura latina criada por Lineu. Para Parrini, a contribuição de Raddi foi muito importante, pois o naturalista demonstrava “[...] uma particular atenção frente a exata correspondência dos nomes científicos botânicos com aqueles vernáculos, com os quais as plantas eram normalmente conhecidas pelos habitantes do lugar” (PARRINI, 2008, p. 147). Essa preocupação em registrar o nome popular juntamente com a taxonomia binominal está presente em todos os artigos que escreveu a respeito e ao nome acrescentava explicações sobre a sua utilização:

O *Quiabo* o *Quibombó* (*Hibiscus esculentus* Lin.) se cultiva igualmente em toda a província, e em abundância, sendo que os seus frutos ainda verdes, cozidos com a carne formam um excelente caldo, criando muita mucilagem, e em consequência são muito nutritivos. Entre as plantas culinárias que se cultivam nos arredores do Rio-Janeiro merecem também menção particular o *Cho-cho* (*Sechium edule* Sw.), o *Maxixe* (*Cucumis Anguria* Lin.) e *Cará* (*Dioscorea bulbifera* Lin.). (RADDI, 1820, p. 332-333, grifos do autor).

Além de descrever a fauna e a flora brasileiras, imprime características da fala regional, do nome como a planta ou animal são conhecidos, caracterizando fortemente o modo como o nome comum era utilizado, se era “distinguido pelos habitantes do lugar” ou “que os portugueses o distinguem com o nome de” ou “sob o nome de”, como no seguinte exemplo: “*Jararaca guaçu*, que significa grande serpente, é o nome com o qual é chamada pelos Negros de Rio-Janeiro este Réptil.” (RADDI, 1820, p.334).

No decorrer desta pesquisa fizemos um levantamento das ocorrências dos nomes comuns que se encontram no corpo do artigo de Raddi, sem, contudo, ocorrer a descrição dessas plantas, apenas a citação, caracterizando, portanto, como empréstimos neológicos. Para melhor entender como os apresenta elaboramos o quadro 1, que contém os seguintes dados: nome comum citado por Raddi (coluna 1); a nomenclatura binominal, quando registrada por Raddi (coluna 2); o nome atual em português (coluna 3); a respectiva tradução em italiano, quando houver (coluna 4); e por último o número da página no qual se encontra a ocorrência (coluna 5). Alguns dos nomes científicos classificados por Raddi no artigo “Sobre algumas novas espécies” foram posteriormente modificados, em função de novas classificações, portanto os que registramos aqui podem ter a nomenclatura binominal anterior àquela que existe atualmente.

Quadro 1.

OCORRÊNCIAS DA FLORA				
1	2	3	4	5
Nome comum registrado por Raddi	Nomenclatura binominal <sup>3</sup>	Nome atual em português	Tradução em italiano	Página
Acácia dell'Indostan	<i>Mimosa speciosa</i>	Albizia/língua de sogra	albizzia	332
Atta di Pernambuco	<i>Annona reticulata</i> Lin.	condessa	-	332
Cará	<i>Dioscorea bulbifera</i> Lin.	cará	-	333
Cho-cho	<i>Sechium edule</i> Sw.	chuchu	chayote <sup>4</sup>	333
Cocco ordinario	<i>Cocos nucifera</i>	coco-da-bahia	cocco	332
Fructo de Conde	<i>Annona squamosa</i> Lin.	Ata/pinha/fruta do conde	anona	332
Frutto a pane	<i>Artocarpus incisa</i>	fruta-pão	-	317/332
Grumixameira	-	grumixameira	-	332
Jabuticabeira	-	jabuticabeira	-	332
jaqueira	<i>Artocarpus integrifolia</i>	jaqueira	jack <sup>5</sup>	332
Laranjas selectas	-	laranja-seleta	-	332
mandioca	<i>Jatropha Manihot</i> Lin.	mandioca	manioca	332
Mangueira	<i>Mangifera indica</i> Lin.	mangueira	mango	332
maxixe	<i>Cucumis anguria</i> Lin.	maxixe	-	333
milho	<i>Zea majs</i> Lin.	milho	maiz	332
Mindumbim d'Angola	<i>Glycine subterrânea</i> Lin.	amendoim	arachide	332
Quiabo o Quimgombó	<i>Hibiscus esculentus</i> Lin.	quiabo/quibombó	gombo	332
Tangerinas	-	tangerina	mandarin o	332
Tatagyba	<i>Morus tinctoria</i> Lin.	tatajiba	-	331
<b>TOTAL DE OCORRÊNCIAS DA FLORA</b>				<b>19</b>

Fonte: RADDI, 1820, p. 317-333.

Outras descrições de plantas encontram-se nas páginas 343 a 347, contudo não vêm acompanhadas do nome popular, motivo pelo qual não as relacionamos, apenas expomos os nomes científicos e entre parêntesis o local onde Raddi as encontrou, sendo ambos

<sup>3</sup> A Nomenclatura binominal é transcrita da obra de Raddi (1820).

<sup>4</sup> Verificando em sites da internet o nome científico, notamos que, para essa planta, o nome popular em italiano é *melanzana spinosa* (berinjela espinhosa) enquanto no dicionário Zingarelli (2005) consta *chayote*.

<sup>5</sup> Nome dado à fruta, não à planta.

transcritos como se encontram no texto: *Catharinea pseudo-polytrichum* (montanha da Serra do Frade); *Spiloma roseum* (arredores do Rio de Janeiro); *Opegrapha cylindrica* (Bosque da Mandioca, em troncos de árvores); *Opegrapha chrysocarpa* (em árvores); *Graphis marginata* (montanha chamada Corco-secco); *Cenomyce verticillaris* (em diversas montanhas do Rio de Janeiro); *Anthoceros brasiliensis* (vizinhanças da Serra do Frade); *Lansdorffia pseudo-cocos* (montes circunvizinhos ao Rio de Janeiro); *Collema azureum*; *Collema bullatum* (montes circunvizinhos ao Rio de Janeiro) (RADDI, 1820, p. 343-347).

Raddi desenhou pranchas de muitas plantas que coletou (fig. 1 e 2), nas quais as espécies são retratadas a partir de seus detalhes morfológicos:

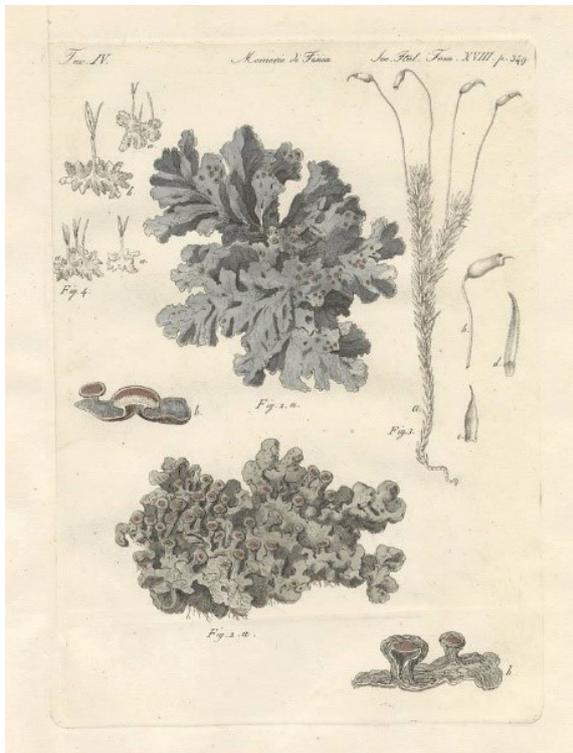


Figura 1.

Fonte: (RADDI, 1829, p. 172).

Legenda: Prancha 1

Tav. IV

fig. 1 - *Collema azureum* Ach.

fig. 2 - *Collema bullatum* Ach

fig. 3 - *Catharinea pseudo polytrichum*

fig. 4 - *Antoceros brasiliensis*

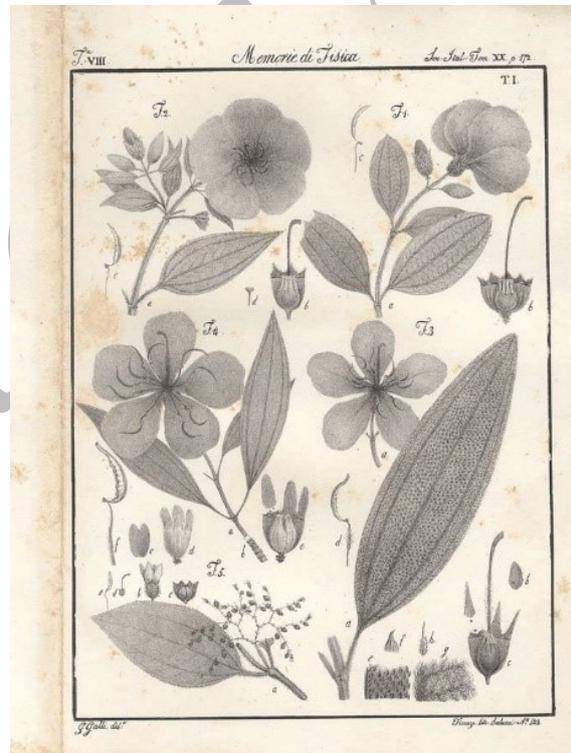


Figura 2.

Fonte: (RADDI, 1829, p. 172).

Legenda: Prancha 2

Tav. II

fig. 1 - *Rhexia corymbosa*

fig. 2 - *Melastoma strangulata*

fig. 3 - *Leandra punicea*

fig. 4 - *Rhexia sebastianopolitana*

Segundo Amadei, ao voltar à Itália, começou a catalogar a coleção de samambaias (Pteridophytas) trazida do Brasil. Em 1819 descreveu 149 espécies novas, e mais tarde, em 1825, ilustrou 148 espécies e 9 táxons. Essas amostras que se encontram no Herbário de Pisa, ficaram ali abandonadas, até 1987, quando um especialista em pteridófitas, Rodolfo Pichi Sermolli, resolveu retomar os estudos a respeito do trabalho do cientista italiano. A coleção raddiana em Pisa compreende 315 exemplares, onde 97 são designados como tipos: 64 são holótipos<sup>6</sup> e 33 lectótipos<sup>7</sup> (AMADEI, 2005, p. 168-169). Ilustramos a seguir o holótipo de uma samambaia que leva o nome de Raddi (fig. 3), e outra amostra coletada por ele (fig. 4), que se encontram no Herbário de Pisa:



Figura 3.

Fonte: AMADEI, 2005, p. 169.

Legenda: Holótipo 1 da *Anemia mandiocana* Raddi (Herbário, Museu Botânico de Pisa).



Figura 4.

Fonte: disponível em:

<http://www.museiateneo.unipi.it/archivio/n11/secondpag.html>. Acesso em 16. jun.2012.

Legenda:

Exemplar da *Doryopteris collina* (Raddi) JSm.

<sup>6</sup> Exemplar único, designado ou indicado como espécime-tipo de um táxon nominal do grupo da espécie, por ocasião da publicação original.

<sup>7</sup> Um, dentre cada exemplar de uma série-tipo, designado como o espécime-tipo de um táxon nominal do grupo da espécie. Essa designação é feita somente quando o autor original não designou um holótipo.

Na relação dos répteis brasileiros inclui informações em latim e em italiano sobre a morfologia do animal, a coloração, o habitat de modo objetivo e imparcial como compete a uma produção científica:

*COLUBER viridis* [...] suntus albidus, dorso subcarinato, squamis laevis, oculis magnis; caduda acuta, circa 3/8, scutis abdominalis 163. [...] Ela é comuníssima nas vizinhanças do Rio-Janeiro, aonde daqueles habitantes vem distinguido com os nomes de *Cobra de cipó*, e *Cobra verde*. Ela se parece muito com a precedente<sup>8</sup>, não tanto pela sua forma geral, quanto mais pela sua bela cor verde que aparece em toda a parte superior do seu corpo, isto é da extremidade da cabeça até cauda; (RADDI, 1820, p. 335-336, grifos do autor).

No quadro a seguir elencamos os répteis descritos por Raddi, obedecendo aos mesmos critérios do quadro 1, modificando a coluna 3, na qual transcrevemos o local onde foi encontrado o espécime e a coluna quatro excluimos o nome atual em português, colocando a página, pois em se tratando da tradução do nome do réptil em italiano e do nome comum atual em português demandariam pesquisas na área da herpetologia, assunto que não dominamos, por esse motivo nos eximimos de colocar estas duas colunas.

Quadro 2.

1	2	3	4
Nome comum	Nomenclatura binominal	Local da ocorrência	Página
Jararaca guaçu	<i>Coluber bifossatus</i>	Montanha Tijuca	333/334
Cobra caninana	<i>Coluber Caninana</i>	Arredores do Rio de Janeiro	334/335
Cobra de cipó e Cobra verde	<i>Coluber viridis</i>	-	335/336
Cobra de coral	<i>Coluber corallinus</i>	Vizinhanças do Rio de Janeiro	336/337
Cobra de coral	<i>Coluber pulcher</i>	idem	337/338
Cobra d'Água	<i>Coluber M-nigrum</i>	Arredores do Rio de Janeiro	338/339
Jararaca mirí d'água	<i>Coluber punctulatus</i>	idem	340/341
Cobra pequena	<i>Coluber 5-lineatus</i>	idem	339/340
Cobra de vidro	<i>Seps fragilis</i>	Lugares paludosos	341/342
<b>TOTAL DE OCORRÊNCIAS DE RÉPTEIS</b>			<b>09</b>

Fonte: RADDI, 1820, p. 333-342.

<sup>8</sup> A serpente descrita anteriormente.

Outros répteis são citados no artigo, contudo ele não faz a descrição, apenas diz que já foram classificados. Citando Raddi:

Entre as espécies não novas de Répteis Brasileiros trazidos por mim, mas que se acham descritos por Daudin na sua História Natural dos Répteis, constam os seguintes, que em parte daremos junto com os acima nominados; esses são: Coluber miliaris; \_\_\_\_\_ braminus; Vipera lanceolata; Amphysbaena fuliginosa; Tupinambis monitor; Agama marmorata; Anolis bullaris; Gecko tuberculatus; Bufo humeralis; \_\_\_\_\_ margaritifera; \_\_\_\_\_ scaber?; \_\_\_\_\_ cornutus; Hyla bicolor; \_\_\_\_\_ lateralis. (RADDI, 1820, p. 342).

Desenhou pranchas de alguns desses répteis que se encontram inseridas entre as páginas 334 e 335 da edição que utilizamos para este artigo, contudo não indica o nome do réptil. Acrescenta, porém, a seguinte nota no fim da relação: “As imagens dos acima descritos Répteis as daremos em uma Memória sucessiva, juntamente àquelas de algumas outras novas espécies de Saurios e Batráquios” (Raddi, 1820, p. 342).

Como apontamos anteriormente, Raddi, ao retornar, teve desentendimentos com a direção do Museu, e deixou uma nota de desacordo pela nomenclatura fornecida erradamente aos répteis brasileiros. Manifestou também o seu desencanto com o que estava acontecendo ao material por ele colhido:

Os répteis registrados e descritos na primeira dessas duas Memórias contidas nos presentes fascículos, foram por mim trazidos do Brasil para o Museu Real de Florença, onde, além do que, estão expostos à vista pública sob denominações que a eles não servem. Sendo eu funcionário do mesmo Museu, poderia surpreender os Doutos a não correspondência das descrições dadas na dita memória, e os nomes fixados abaixo dos respectivos objetos; convém, portanto que seja dito que aquelas denominações não é obra minha. (RADDI, 1820, p. 382).

Apesar desse protesto, Raddi deixa na mesma Memória o valor que, para ele, a fauna e flora possuíam: “O estudo da natureza é ameníssimo, mas difícil; e exige que se aplique profundamente quem quer conhecer seus resultados.” (RADDI, 1820, p.382). A paixão demonstrada pela ciência revela parte do encanto que sentiu ao coletar e descrever os espécimes coletados na Floresta Atlântica circunstante à cidade do Rio de Janeiro.

## 6. Considerações finais

Ao longo deste trabalho apresentamos o cientista italiano e o seu interesse em pesquisar a flora e fauna brasileiras. Verificamos que, diferentemente dos viajantes anteriores, o viajante do século XIX é um cientista que vinha aqui à procura de novas espécies para dar a conhecer ao mundo. Raddi, como ele próprio afirma, veio ao Brasil para “[...] colher produtos de vários gêneros, e enriquecer a história natural com as suas observações e [...] percorrer aquelas ricas, boas e férteis terras, as quais oferecem ao filósofo observador o mais vasto campo de doudas pesquisas. (RADDI, 1821, p. 259).

Confirmamos com Prestes (2000) que o nome comum nos relatos científicos tem um objetivo mais prático do que teórico, pois conferem um auxílio à identificação, mas acreditamos que juntos, nome comum e taxonomia científica, ajudam no entendimento que o autor quer dar ao seu relato. Verificamos na memória “Em sobre algumas novas espécies” que quase todos os animais e plantas descritos pelo autor vêm acompanhados de ambos os nomes, científico e popular, introduzindo com este último, vários empréstimos neológicos na língua italiana. Apesar de não terem sido dicionarizados, permanecem ali registrados.

## Referências bibliográficas

ALVES, I. M. **Neologismo. Criação lexical.** São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. Empréstimos nas línguas de especialidade: algumas considerações. **Ciência da Informação.** Brasília, v. 24, n. 3, p. 319-321, 1995.

AMADEI, L. *et al.* Herbarium Horti Pisani. I tipi delle specie di Giuseppe Raddi. In: **Atti Soc. tosc. Sci. nat.**, Mem., Serie B, 112, , p. 167-173, 2005. Disponível em: [www.stsn.it/serB112/04%20Amadei-Baldini.pdf](http://www.stsn.it/serB112/04%20Amadei-Baldini.pdf). Acesso em 02 jun. 2012.

CALVET, L.-J.. **Sociolinguística uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola, 2002.

CARVALHO, N. **O que é neologismo.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

DOMINGUES, Â. O Brasil nos relatos de viajantes ingleses do século XVIII: produção de discursos sobre o Novo Mundo. **Revista Brasileira de História**, n. 55, v. 28, p.133-152, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso 25. out. 2010.

GUILBERT, L. **La créativité lexicale.** Paris: Librairie Larousse, 1975.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD-ROM.

ISENBURG, T. **Viaggiatori naturalisti italiani in Brasile nell'ottocento**. Milano: Franco Angeli Libri, 1989.

PARRINI, D. **Le attività di un dimenticato "Ornamento d'Italia"**. Giuseppe Raddi: il naturalista, il conservatore, il viaggiatore. Tese apresentada ao Doutorado de Pesquisa in Storia della Scienza, da Università degli Studi di Pisa, 2008. Disponível em: <http://etd.adm.unipi.it/theses/available/etd-02252008-102628/#>. Acesso em 25 maio 2012.

PRESTES, M. E. B. **A investigação da natureza no Brasil colônia**. São Paulo: Annablume e Fapesp, 2000.

RADDI, G. Delle specie nuove di funghi trovate nei contorni di Firenze, e non registrate nel *Systema Naturae* di Linneo. In: **Memorie di matematica e fisica della Società italiana delle scienze**. Modena: Società Tipografica, tomo XIII, p. 345-363, 1807.

\_\_\_\_\_. Di alcune specie nuove e rare di piante crittogame ritrovate nei contorni di Firenze. In: **Atti dell'Accademia delle Scienze di Siena detta de' Fisiocritici**. Siena: appresso Bonetti, nella Stamperia del Pubblico, tomo IX, p. 230-240, 1808.

\_\_\_\_\_. Di alcune specie di rettili e piante brasiliane. Memoria di Giuseppe Raddi. In: **Memorie di matematica e di fisica della società italiana delle scienze**. Modena: Presso la Società Tipografica, tomo XVIII, p. 313-349, 1820.

\_\_\_\_\_. Breve osservazione sull'isola di Madera fatta nel tragitto da Livorno a Rio de Janeiro. In: **Antologia**. Giornale di scienze, lettere e arti. Firenze: Tipografia di Luigi Pezzati, p. 259-275, 1821.

\_\_\_\_\_. Melastome Brasiliane. In: **Memorie di matematica e di fisica della società italiana delle scienze**. Modena: Presso la Società Tipografica, tomo XX, p. 111-172, 1829.

RONAN, C. A. **História ilustrada da ciência**. Da renascença à revolução científica, vol. III. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001, 4 v.

SALVATICI, F. T. Elogio dell'Accademico Giuseppe Raddi, letto dal segretario degli atti. In: **Atti dell'I. e R. Accademia economico-agraria de' Georgofili**. Firenze: nella tipografia di Luigi Pezzati, v. VII, p. 304-309, 1830.

SCHULTZ, B. S. **Brasileirismos e portuguesismos incorporados ao léxico da língua italiana: análise de campos léxico-conceptuais**. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento de mundos desconhecidos: palavras e coisas do português na literatura dos viajantes italianos**. São Paulo, 2014. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

VANDELLI, D. **Diccionario dos termos technicos de historia natural**: extraídos das obras de Linnéo, [...]. E a memória sobre a utilidade dos jardins botanicos. Coimbra: na Real Officina da Universidade, 1788.

ZINGARELLI, N. **Lo Zingarelli**. Vocabolario della lingua italiana. Bologna: Zanichelli, 2005. CD-ROM.

Artigo recebido em: 30.09.2015

Artigo aprovado em: 22.12.2015

Revista GTLex